

# GRIFO

Nº 54  
ABR  
2025

O JORNAL QUE RI

Réu e prisão de ventre  
NÃO SE SUJA A DEMOCRACIA IMPUNEMENTE  
PÁG.09

Humor e combate  
50 ANOS DO QI 14  
PÁG.17

# BANG

## O alvo está vencendo



# A era dos supercapitalistas

Procurar buraco numa agulha é fácil. Achar agulha num palheiro é mais fácil que um camelo passar pelo buraco de uma agulha. Nos tempos de Cristo, dizia-se que era mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no reino dos céus. A agulha no caso seria uma estreita abertura nos muros de uma cidade. Um camelo precisava ser muito contorcionista para entrar.

Nos tempos de hoje, quanto mais rico, mais contorcionista é, e pior, com capacidade de erguer agulhas enormes e seletivas: eles passam, os outros são impedidos, seja por taxas, por deportações, chantagem, pelo que lhes der na veneta.

Nos tempos de Marx, o capital não tinha pátria. Continua assim, mas agora existem os supercapitalistas, e eles também não têm. Qualquer sede de governo, qualquer praça pública, qualquer instituição estatal transforma-se em extensão de suas empresas, que são puxadinhos de suas mansões.

Esses ricos comandam os capitalistas, a maioria dos quase capitalistas, grande parte da classe média e os pobres de direita. Como não têm pátria, estão espalhados pelo mundo, dizendo amar países, famílias e nações. Em alguns lugares, nem precisam de alguém super: bastou um teórico da riqueza na Argentina, e no Equador um herdeiro estadunidense de equatorianos ricos para praticar suas ideias. Em El Salvador, um filho da classe média, como o Winckler já alertou na edição 44 do **GRIFO**, está criando “o paraíso bolsonarista em miniatura” e uma gigantesca prisão para deportados.

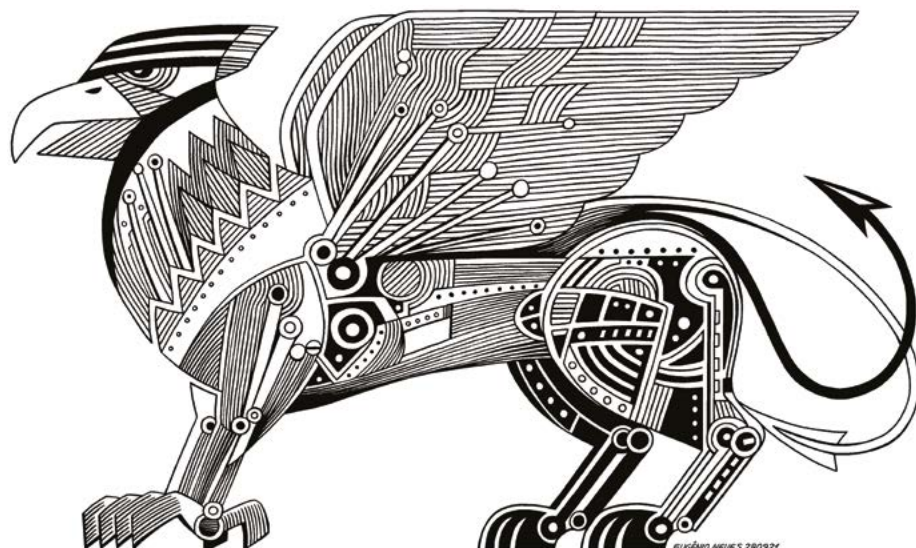
Nem com todo mundo dá certo, mas eles têm alternativas.

No Brasil, os capitalistas não têm cacife para mandar foguetes que caem antes de chegar no espaço como se fossem caricaturas de si mesmos, mas se movimentam nas sombras do mercado financeiro. E ali, onde estão CEOs, players e assemelhados, que se tenta alguma coisa, além de auxiliar peças no Congresso: reclamar da isenção de imposto de renda até R\$ 5 mil e pressionar contra taxaço de quem ganha acima de 50 mil mensais.

Nenhum deles, até agora, tem essas empresas que chamam de unicórnio.

Um unicórnio passaria pelo buraco de uma agulha? (**Marco Schuster**)

## O grifo de Eugênio Neves



### GRIFO

Jornal de humor e política, desde outubro de 2020. Eletrônico, mensal e gratuito. Publicação de cartunistas da Grafar (Grafistas Associados do RS)

**Editores:** Celso Augusto Schröder e Marco Antonio Schuster

**Editores adjuntos:** Celso Vicenzi e Gilmar Eitelwein

**Diagramação:** Laura Santos Rocha

**Mídias sociais:** Lu Vieira

**Participam desta edição:**

**Cuba:** Brady Izquierdo

**Rio de Janeiro:** Latuff e Miguel Paiva

**Rio Grande do Sul:** Allison, Bier, Carlos Roberto Winckler, Dênis Pimenta, Edgar Vasques, Ernani Ssó, Fuchs, Gilmar Eitelwein, Hals, José Weis, Lu Vieira, Luiz Faria, Marco Schuster, Máucio Bonoto, Paulo de Tarso Riccardi, Santiago e Schröder

**Santa Catarina:** Celso Vicenzi

**São Paulo:** Bira Dantas, Carlos Castelo e Mouzar Benedito

**Capa desta edição:** Celso Schröder

Leia aqui todas as edições do **GRIFO**  
[https://issuu.com/luvieira.ink?issuu\\_product=header&issuu\\_subproduct=publisher-suite-workflow&issuu\\_context=link&issuu\\_cta=profile](https://issuu.com/luvieira.ink?issuu_product=header&issuu_subproduct=publisher-suite-workflow&issuu_context=link&issuu_cta=profile)



**Receba o Grifo grátis e em primeira mão**

Basta entrar em um dos grupos de WhatsApp para receber sua edição em pdf!

**CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 1**

**CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 2**

**CLIQUE AQUI E ENTRE NO GRUPO 3**

# Amizades e desencontros

Luiz Augusto Faria

No final dos anos 1980, Brasil e Argentina firmaram uma aliança que resultou na criação do Mercosul, pouco depois. Naquele momento os dois países, bem como os outros fundadores do bloco no Cone Sul, Uruguai e Paraguai, haviam recém-recuperado suas democracias depois do período escuro das ditaduras. Período em que um outro tipo de integração tinha havido, aquela sanguinária da Operação Condor, quando se articularam as forças repressivas da região para perseguir, seqüestrar e assassinar dissidentes. A união pela democracia foi seguida pelo que parecia ser um projeto de desenvolvimento compartilhado em que as proximidades e complementaridades criariam oportunidades de progresso econômico e social e uma nova modalidade, menos dependente, de inserção internacional para os países da região.

O caminho da integração foi fortalecido no começo do século XXI quando aconteceu o que foi chamado de “Onda Rosa”. Lula, Dilma, Chávez, Evo, Cristina e Nestor Kirchner, Correa, Bachelet dirigiram governos “de esquerda” que realizaram mudanças políticas importantes em favor da maioria da população, reduzindo a pobreza e a fome, ampliando direitos e melhorando as condições sociais. Foram criadas então a Unasul e a Celac, reunindo os países sul-americanos, toda a América Latina e Caribe.

O Brasil foi liderança nesse

processo, em que ficou manifesta sua vontade de poder, o desejo de ser protagonista no processo de transformação do sistema internacional que o declínio dos EUA e a ascensão da China vinham propiciando. Para isso foi decisiva a mudança de postura da Argentina, dei-

xando de ser concorrente e passando a aceitar o predomínio brasileiro. Nossa diplomacia definiu a relação especial com a vizinha como um dos pilares da política externa.

Na sequência, houve a formação do Brics como centro aglutinador do chamado Sul Global



e que acabou por se transformar em um contraponto ao unilateralismo dos EUA. Em larga medida isso foi provocado pelos próprios americanos em seu movimento de tentar cercar e enfraquecer China e Rússia. Ao mesmo tempo os mesmos EUA realizavam manobras de guerra híbrida para desestabilizar os governos da Onda Rosa, a exemplo do golpe contra Dilma. Entre golpes e eleições a direita voltou ao poder em vários países da região – em alguns casos em sua versão fascista, comandada por figuras das trevas: Bolsonaro, Milei, Bukele – mas logo foi forçada a se alternar com a esquerda nos anos mais recentes,

quando foram protagonistas Amlo e Claudia no México, Arce na Bolívia, Xiomara em Honduras e Lula por aqui.

A situação política na América Latina ficou mais difícil com a radicalização da direita em paralelo à moderação da esquerda. A unidade de até 10 anos atrás, quando os conservadores acabaram por aderir ao projeto de integração e reposicionamento internacional da Onda Rosa, se perdeu. Essa dissonância política é muito negativa neste momento em que a conjuntura mundial se acelera e novas oportunidades se abrem. Divididos e desorganizados teremos dificuldade em aproveitar essa

olada, o que é especialmente ruim para o Brasil, maior país da região e que não sabe em quem pode contar nos enfrentamentos por vir.

A política externa brasileira foi sempre oscilante entre autonomia e submissão aos EUA. Hoje parece indecisa, tentando estar simultaneamente nos dois lados. Os sinais dessa ambivalência são muito ruins porque dificultam nosso posicionamento. O momento é de decisão, o futuro está com o emergente Brics e o Sul Global e sua proposta de um mundo multipolar. EUA e Europa são o passado em declínio, nada têm a nos oferecer a não ser naufragarmos juntos.





# A velha senhora e o fascismo

Carlos Roberto Winckler

Em uma rua próxima ao Congresso Nacional da Argentina, uma velha senhora empunhando a bandeira nacional enfrenta a polícia de choque, que não hesita em disparar balas de borracha para contê-la. Desafiava os protocolos de segurança da ministra Patricia Bullrich, que criminaliza piquetes. Desafio similar àquele que derrubou presidentes no início dos anos 2000. Devia ficar nas calçadas, sob risco de ser gaseada e espancada. Ali estava uma digna senhora aposentada a lutar por sua sobrevivência e certamente pelo futuro de seus filhos e netos.

Há algumas semanas os aposentados, às quartas-feiras, protestam em frente ao Congresso por melhorias das pensões e aposentadorias, acesso a me-

dicamentos gratuitos, cada vez mais restritos, e pela restauração da moratória das contribuições. O fim da moratória foi a faísca que forçou aposentados a irem às ruas, com forte presença de mulheres (as mais prejudicadas), somado ao apoio de torcedores de futebol como escudo à violência policial, movimentos sociais e sindicatos. Dois terços dos aposentados recebem de aposentadoria um mínimo acima do valor da cesta básica, cerca de R\$1.670,00, e com o fim da moratória, 240 mil argentinos neste ano receberão 80% da aposentadoria mínima.

A morrer de fome e sem medicamentos, os aposentados preferem morrer nas ruas enfrentando a polícia. Está em curso a imposição de um Estado oligárquico neoliberal fas-

cistizante que generaliza ações policiais e penais e impõe uma lógica de guerra civil, onde opositores são vistos como inimigos. A prática econômica é conhecida e benéfica, a rigor, apenas as oligarquias rurais e as finanças, contando com apoio de setores subalternos da classe média e populares descolados da tradição industrial clássica. Inimigo central: o que restou do peronismo nos governos kirchneristas com propostas de retomada de políticas industriais, distribuição de renda e expansão dos serviços públicos, restaurando, em certa medida, a soberania nacional.

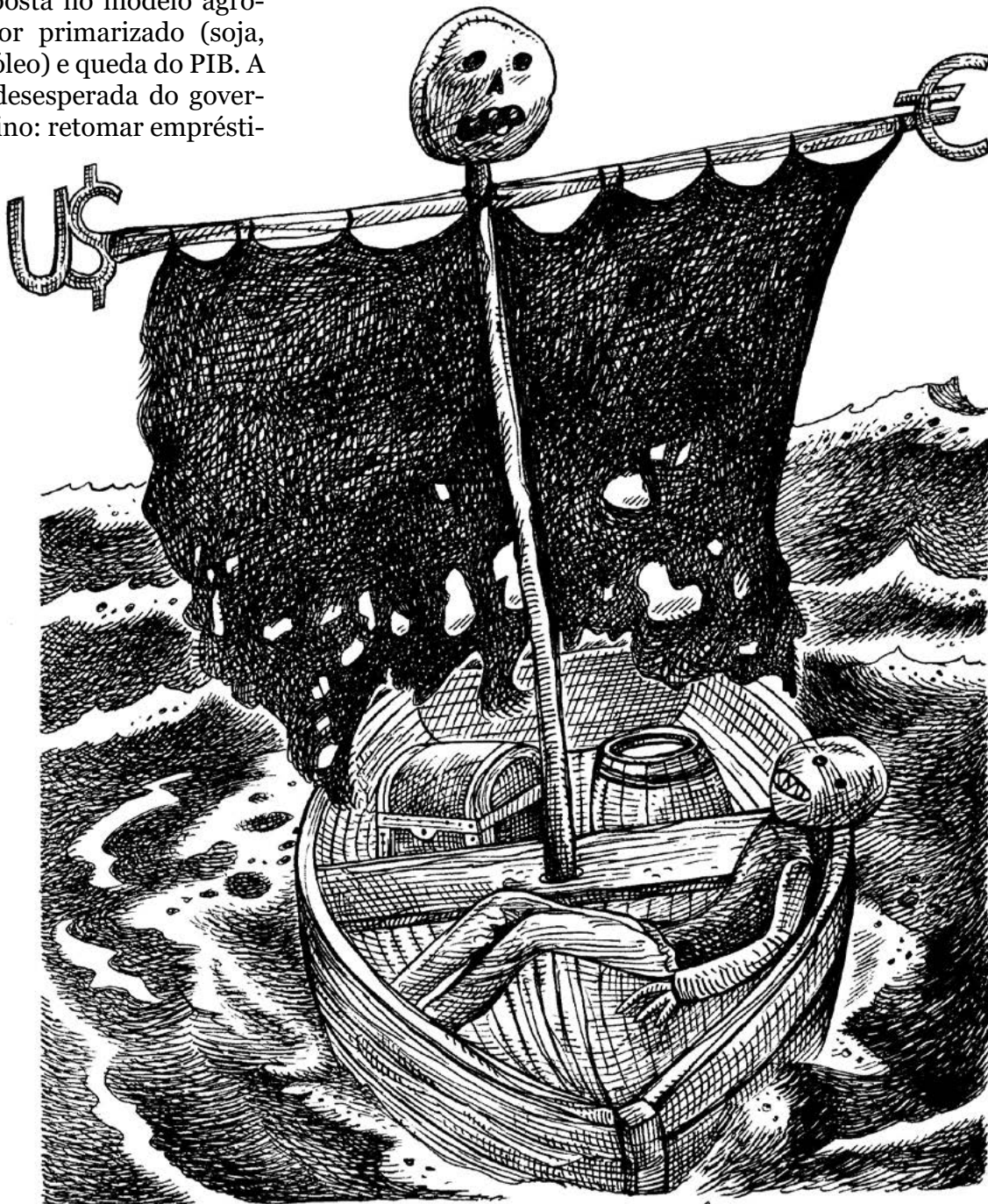
A contrarrevolução neoliberal do governo Milei – na década de 90 ocorreu a tentativa de Menem – imposta como choque em poucos meses, estabelece

uma forma de fascismo colonial, subordinado às formas fascistas emergentes no centro do Império. Milei ombreia com Bolsonaro na devoção ao trumpismo, a despeito das medidas recentes de Trump em taxar produtos mesmo de países aliados. As políticas de ajuste pesaram na previdência argentina, acelerou-se a desindustrialização e a abertura das importações, houve queda brusca do poder aquisitivo e do emprego formal, eliminação de subsídios à indústria e ao consumo de gás, eletricidade entre outros, aposta no modelo agro-exportador primarizado (soja, lítio, petróleo) e queda do PIB. A resposta desesperada do governo argentino: retomar emprésti-

mos com o FMI com o propósito de pagar dívidas (herança de Macri, ex-presidente neoliberal) com mais dívidas.

Talvez o melhor resumo do projeto do governo Milei seja a afirmação de seu assessor-chefe, Demian Reidel, em um fórum para atrair investidores – nas áreas de IA e energia nuclear – quando ao desfiar vantagens territoriais argentinas, ao que tudo indica situadas na Patagônia, adequadas ao esfriamento de sistemas, afirmou que “o

problema dessa área é que ela é povoada por argentinos”. Tudo dentro das tradições da oligarquia argentina renovada. A Conquista do Deserto, a campanha militar comandada pelo General Roca, mais tarde presidente argentino, perpetrou, entre 1877 e 1885, o massacre dos povos originários e o domínio do Pampa e Patagônia Oriental. Afinal, os neoliberais abandonaram qualquer ideia de Nação, o território é visto apenas como um campo de operações lucrativas.







Como se sabe, o universo de frequentadores desse tipo de estabelecimento varia de acordo com as estações e os acontecimentos nos arredores. No verão, os carnavalescos que não apanharam da polícia e os suarentos que não dispuseram de verba pra ir junto da água fazem a fêria do bodegueiro. No outono, segue o rescaldo do verão e os maridos que fogem das mulheres no início das aulas dão suas escapadinhas. Já sob o peso do inverno entra em ação a justificativa de tomar umas pra espantar o frio e pegar um sol na ida e a volta. Mas é na primavera que o mundo floresce! Junto com o rejuvenescimento de temperaturas mais amenas e roupas postas de lado, a estação faz sua apoteose: é chegada a época da Semana Farroupilha. A gauchada dos CTGs e Piquetes se fantasia à moda tradicionalista e toca o alvoroço com música, dança, churrasco, declamação, exposição, provas e álcool. Muito álcool. Um dos locais mais importantes da festividade – senão o maior deles – é o Acampamento Farroupilha do Parque da Harmonia, em Porto Alegre. Que, aliás, não fica longe do Bar do Nereu. E sempre acontece de alguma alma desgarrada da festa, ou mais de uma, bater espora no bivaque. Numa dessas, um peão com cara de índio, falastrão deitado na pinga, se vangloriou dizendo que ninguém tinha comigo mais égua do que ele. E começou aos 13 anos! Foi uma confusão. Todos queriam dizer que tinham comido mais. Uns gritaram até os nomes dos bichos, outros mencionaram porca, carneira, galinha, lugares, datas... Aí um gauchinho franzino, de lenço vermelho, levantou-se lá do fundo grunhiu:

- Aos 13 anos eu comi a minha prima!

Diante do que, todos os presentes logo mudaram de assunto. De pena do coitado.

## CRIANDO UM SUBVERSIVINHO (UMA HISTORIETA DOS ANOS DE CHUMBO)

O presidente da República era o general Emílio Garrastazú Médici. Eu comecei a publicar charges no jornal "A Tribuna", de Santo Ângelo, em 1974, aos 15 anos, na mesma época. Juska era o chargista titular e estava indo pra Porto Alegre, sendo que me indicou pro seu lugar. A anterior amizade entre Juska e eu permitira que desfrutássemos das charges de "O Pasquim", semanário carioca fundado em 1969 para fazer resistência à ditadura militar. De maneira que sua influência em nosso trabalho foi inevitável. Uma influência, aliás, que me levou a ter os primeiros trabalhos censurados. Descontente, migrei pra outro veículo da cidade, de oposição, onde privava da companhia de Jorge Nascimento e Silvano Saragoso, e no qual produzia com total liberdade. Na mesma época, por obra do Juska, publiquei meus primeiros trabalhos na Folha da Manhã, em Porto Alegre, num espaço para novos talentos intitulado "Quadrão", editado por Guaraci Fraga e Edgar Vasques, meus mestres pra sempre. Logo, as charges em Santo Ângelo acabaram dando problema.

Certa manhã, voltando do colégio e passando em frente à delegacia, um senhor me puxou gentilmente pelo braço e me convidou a entrar, numa informalidade perigosíssima. Acomodou-me na frente de uma escrivaninha numa sala em que havia um tanque de lavar roupa no fundo e tomou assento no outro lado. Puxou de uma gaveta uma página com um desenho meu e perguntou se eu identificava o material. Era uma charge sobre a fome. Sim, eu disse. Aí, num tom irritado, perguntou como é que eu estava me misturando com os comunistas dum panfleto ordinário, se tinha um pai militar, metodista fervoroso, fundador da primeira escola de inglês da cidade – seu próprio filho era aluno lá! – e neto de uma família tradicional. Não lembro o que respondi, mas não pedi desculpas, embora tremesse de medo. A repressão mostrava a sua cara. A seguir procedeu um pequeno interrogatório no qual indagou, entre outras coisas, se eu sabia da guerrilha do Araguaia e se eu tinha ouvido falar do jornal clandestino "Voz Operária" (do PCB). Claro que nunca ti-

## PALAVRAS DA SALVAÇÃO

Por que, nos cultos de exorcismo, ninguém exorciza o pastor?

- Este ônibus vai pra Auschwitz?  
- Pelo conforto...

Por que aquele cara não imita gente morrendo de covid, só que de verdade?

**Agora imagine se Israel fosse o povo escolhido pelo diabo...**

Na próxima cheia vamos descobrir o que Melo e Leite não foram fazer na Holanda.

**Venha para o enterro no jornalismo investigativo. No RS.**

O mito não corre o risco de se suicidar. Psicopata não tem autocrítica.

**Imagine o comitê do golpe mais os três patetas, os irmãos metralha, a Pantera Cor de Rosa e o coioote do papa léguas sob o comando do Peninha. É isso.**

nha ouvido falar! Depois disso, escreveu algumas linhas à mão e me liberou em tom de ameaça. Eu era menor, tinha 16 anos, e achei tudo natural pra aqueles tempos. Senti até certo orgulho. Mal sabia que era só o começo...

Nada contei em casa. Varado de curiosidade, fui ao encontro do Irineuzinho, colega mais velho da escola marista, cujo pai, Irineu Ronconi, vereador do MDB, havia se notabilizado na oposição ao regime. Ali perguntei sobre a guerrilha do Araguaia, e tive informações detalhadas sobre as operações, a linha maoísta e a violentíssima repressão do exército. Quanto ao jornal clandestino "Voz Operária", Irineuzinho colocou um exemplar em minhas mãos, mimeografado com informações e instruções, em cujo final se lia "Leia destrua. Sua vida corre perigo".

Poucas semanas depois, um grupo de policiais foi até a redação do jornal e levou parte dos meus colegas pra uma conversa na delegacia. Teve gente que ficou. Santo Ângelo era uma cidade de faroeste.

# O réu e o créu

*Um calendário nacional básico pós-carnaval no primeiro quadrimestre de 2025*

**3 de março** – Filme Ainda estou aqui ganha o primeiro Oscar do cinema brasileiro.

**20 de março** – Aprovado orçamento nacional, que elimina o IR de salários até R\$ 5 mil e tenta taxar grandes fortunas.

**26 de março** – Bolsonaro é considerado réu por tentativa de golpe de Estado.

**1º de abril** – 61 anos do golpe de estado de 1964.

**8 de abril** – Inauguração de placa, na faculdade de comunicação da Ufrgs, em Porto Alegre, que inicia o ano de atividades em memória do assassinato do jornalista Vladimir Herzog

**30 de março e 6 de abril**

– Dois comícios de Bolsonaro (um no Rio outro em São Paulo) pedindo anistia a golpistas – ele, principalmente – lamuriando-se e bravateando. No segundo, leu um bilhete em inglês (insinuando uma mensagem cifrada).

**9 e 10 de abril**

– Na reunião da Celac em Honduras, Brasil propõe apoio à candidatura de uma mulher para a secretaria-geral da ONU, mas Paraguai e Argentina discordaram.

**21 de abril** – Morre o papa Francisco. (É fato mundial, mas repercute por aqui).



# Frankenstein 2026

Ayrton Centeno

É noite, raios rasgam o céu e a tempestade se abate sobre o castelo. Estamos numa estranha paragem do século 19, ou seja, aqui e agora. Lá dentro, aflitos com os relâmpagos que iluminam a imensa claraboia, os quatro homens estão sentados, uma maleta ao lado de cada um. Levantam-se e se apresentam.

- Eu sou o agro.
- Eu, a banca.
- Eu, a mídia.
- E eu represento os demais homens de bens.

Do outro lado da escrivaninha, um sujeito de jaleco com respingos de sangue manuseia um bisturi, a cabeleira branca iluminada pelos flashes do temporal.

- Sabemos do seu dom de fabricar prodígios. Fabrique o nosso. Pagaremos bem.

Depositam as maletas na escrivaninha e descrevem a encomenda.

- Precisamos de um candidato igual ao Bozo mas que não pareça o Bozo, diz a banca.

- Não temos ninguém para 2026, diz outro.

– Tem que ser alguém tipo o Tarcísio, que vai vender a Petrobras, mas que não tenha o carisma de um furúnculo. Com o megafone do Merval, mais uma pitadinha do Magnoli aqui, um cheirinho de Aécio ali e na porção mulher pode entrar a Zambelli mas sem o trabuco.

- Um Bozo fofo, resume o quarto.

- Faça, senão o Nine vai levar de novo, gemem os quatro a capella.

– Me deem 40 dias para coletar o DNA de mortos, vivos e muito vivos. Mais peles, ossos, carne e algumas carcaças.

A exatos 40 dias, os quatro estão de volta. Diante deles, jaz um vulto sob o lençol.

- Voilá, grita o criador e arranca o pano que encobre o mistério.

– Peguei o fígado do Olavo de Carvalho, as mãos tirei do Ustra, as...

- Ele não tem pés mas cascos, interrompe a mídia.

– Estamos na entressafra dos pés. Arrumei esses cascos na Farsul. Entenda como uma homenagem minha à pujança da pecuária rio-grandense e, claro, ao eleitorado guasca.

– Papá, mamã, balbucia o colosso e logo começa a chorar.

- O que é isso? chia a banca.

– Outra coisa difícil é a caixa de fonação. Peguei isso daí de uma Barbie que só falta falar – na verdade, fala mas o repertório é curto...

- Assim ele não vai poder participar dos debates, lacrimeja a mídia.

– Bobagem, Bozo não foi a nenhum debate e ganhou a eleição em 2018. Quando perguntarem sobre educação, saúde, cultura ele vai responder fazendo arminha. Sobre direitos humanos, vai fazer arminha com as duas mãos.

- Ele veio também com aquele parafuso...

– É mais do que um parafuso. É ali que vocês vão dar corda no cérebro dele.

- Como assim? Ele não tem miolos?

– Se pés está complicado, imagina miolos. Todos que achei estavam podres de tanto jogar tigrinho e ver BBB. Ele tem um mecanismo de relógio de parede. Dá as horas e sacode o badalo.

- Jesus, a Damares vai ficar horrorizada!

– Não teria tanta certeza disso...

- Como vamos chamá-lo?, entreolham-se.

– Vamos chamá-lo Bozobrando, propõe a banca.

- Bozobrando? Ôba, a Folha vai adorar.

RÉU!  
 O BOLSONARO É  
 RÉU!  
 É DAQUI PRA PAPUDA  
 RÉU!



Denis Pimenta

# Asilo doméstico

Carlos Castelo

Hoje cedo tocaram a campainha da minha casa. Confesso que pensei ser o carteiro. Mas não. Era Jair Messias Bolsonaro, em carne e osso.

Vestia uma camisa da seleção e suava mais que frango de padaria no espeto. Nos olhos, aquele brilho desesperado de quem acabou de perceber que não terá habeas corpus.

— Amigo, começou ele, preciso de abrigo. A esquerda quer me prender aí por causa de uma conspiração chinesa.

Fiquei sem reação. Afinal, não é todo dia que um ex-presidente bate à sua porta pedindo asilo doméstico.

— Mas, por que a minha casa? — indaguei, enquanto escondia o livro do Paulo Freire na estante.

— Porque tô rodando tudo, parceiro. Já fui na casa do véio da Havan, mas ele disse que tá em reforma. Tentei com Malafaia, e ele só ofereceu uma oração.

Jair então entrou na minha sala. Sentou-se no sofá e soltou um sonoro peido.

— Foi mal aí, patriota... mas é recomendação médica, não posso segurar gás.

Em seguida, me mostrou um PowerPoint com setas apontando para Lula, Alexandre de



Moraes, uma urna eletrônica e o Mickey Mouse.

— É tudo um plano, você entende? Querem me calar! Me prender! Imaginei a cela: Bolsonaro comendo pão sem leite Moça, sem live, sem cercadinho, sem “meu exército” e, o mais cruel de tudo, sem Wi-Fi pra tuitar.

— E por que não pede asilo aos Estados Unidos? — perguntei. Ele suspirou fundo, os olhos marejados.

— Tentei. Mas o Trump mandou

um ‘nope’ seco. Agora, a vida dele é só Musk, Musk.

Foi aí que percebi: o destemido caçador de comunistas imaginários, estava com medo.

Ofereci um copo d’água — não por bondade, mas porque a Constituição manda tratar bem os idosos.

Frustrado, o Mito foi embora. Fiquei um tempo parado, olhando o vazio. Não mais pela surpresa, mas porque ele levou meu chinelo por engano.

*A ditadura militar, para mim, podia ser resumida em três carros: o VW 1600 quatro portas, vulgo Zé do Caixão, o VW 1600 TL, e a perua Variant. Todos lançados entre 1968 e 1969.*

*A gente só conhecia o Fusca e, quando apareceram aqueles outros três modelos, foi uma surpresa e tanto. Dois tios compraram as novidades. Um, o Zé do Caixão, o outro vendeu uma Kombi e pegou uma Variant zero. Eu adorei o VW quatro portas.*

*Perguntei se meu pai não ia comprar um, ele respondeu*

*- Além de feio, se você fecha a porta da frente, a de trás abre.*

*Era horrível mesmo, mas continuei sonhando em um dia ter o meu Mojiquinha. Lembrei disso porque vi um VW TL no filme “Ainda estou aqui”. Depois de assistir ao indicado ao Oscar, concluí: numa ditadura, até os carros ficam feios.*



Pixs

A anistia seria a capitulação final do país à imoralidade e à vitória da ilegalidade.

Dentre os paradoxos criados por Trump, talvez o mais relevante seja o fortalecimento do marxismo como único método analítico da realidade. Imprensa e setores da academia continuam afundados no impressionismo histórico e no determinismo místico.

Trump é o tio que incomoda porque peida e arrota na mesa, mas que é tolerado porque paga a refeição. Pagava...

Trump foi a cara que afinal revelou que Papai Noel não existia. Nem Santa Claus.

Pesquisa da Quaest, vejam só, revela que 56% dos brasileiros são contra a anistia, 40% são a favor e 10% não têm opinião. A lei e a opinião pública estão contra Bolsonaro e sua quadrilha.

A idade nos abranda. Perdemos, junto com o ímpeto, a arrogância intelectual e as certezas provisórias. O que resta são as convicções profundas e as dúvidas alentadoras. Esta é a grande, talvez única, vantagem da velhice. Por isso fico triste vendo homens como Aldo Rebelo desperdiçando a sua na defesa canalha do miliciano assassino e ladrão.

Em Porto Alegre, além das árvores, agora caem postes podres. A "arquitetura" das fachadas e telhados de alumínio se transformam em perigosas guilhotinas com o vento forte. O capitalismo destruiu o planeta e o neofeudalismo está destruindo Porto Alegre e o Rio Grande do Sul.

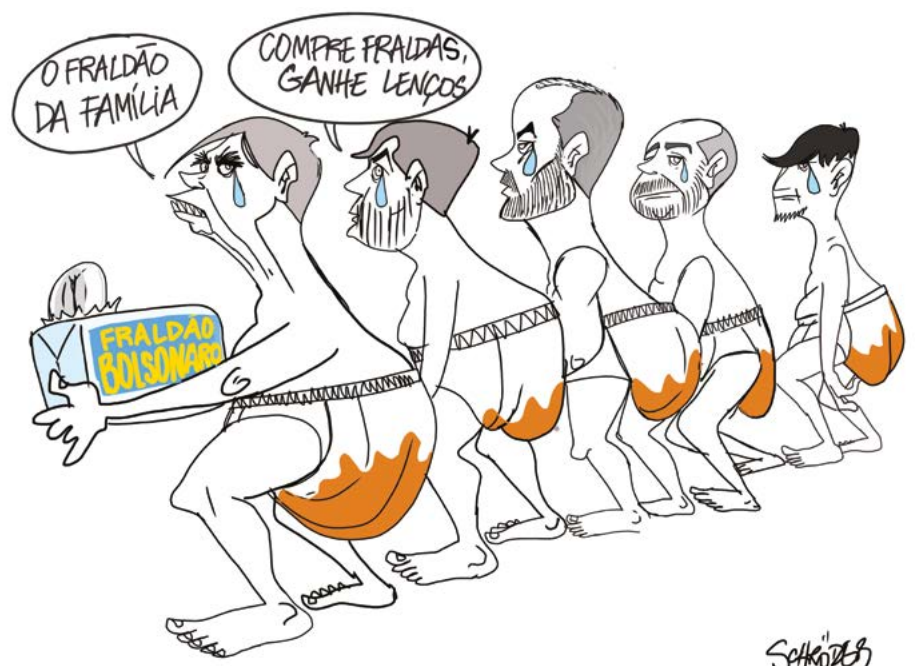
## Erraticamente calculado

O capitalismo não mantém mais nem mesmo as aparências. Trump, assim como Bolsonaro e Netanyahu, é a expressão mais clara e cristalizada do modo de produção que prometeu igualdade, liberdade e fraternidade e que entregou a desigualdade como projeto final, a opressão como única possibilidade de coexistência e o ódio e a violência como a distopia terminal. Trump não tem menos neurônios sádicos do que Biden, nem é mais sádico do que Obama, apenas tem menos tempo.

Não tenho dúvidas que os democratas, os senhores da grana e da guerra, em sua enorme maioria, estão dando graças a Plutão por terem Trump para fazer serviço sujo e inadiável de, para salvar o capitalismo, transformá-lo em feudalismo de novo. Quando Putin anunciou o fim do dólar, Xi Ji Ping recompôs a nova Rota da Seda e Lula reorganizou o planeta em torno do Brics estava dado o fim do ciclo de hegemonia dos EUA e selado o destino da Europa.

O papel estudado de ogro de Trump faz parte de uma encenação cujo roteiro é inexorável e a direção propositalmente errática.

## quer que escreva?

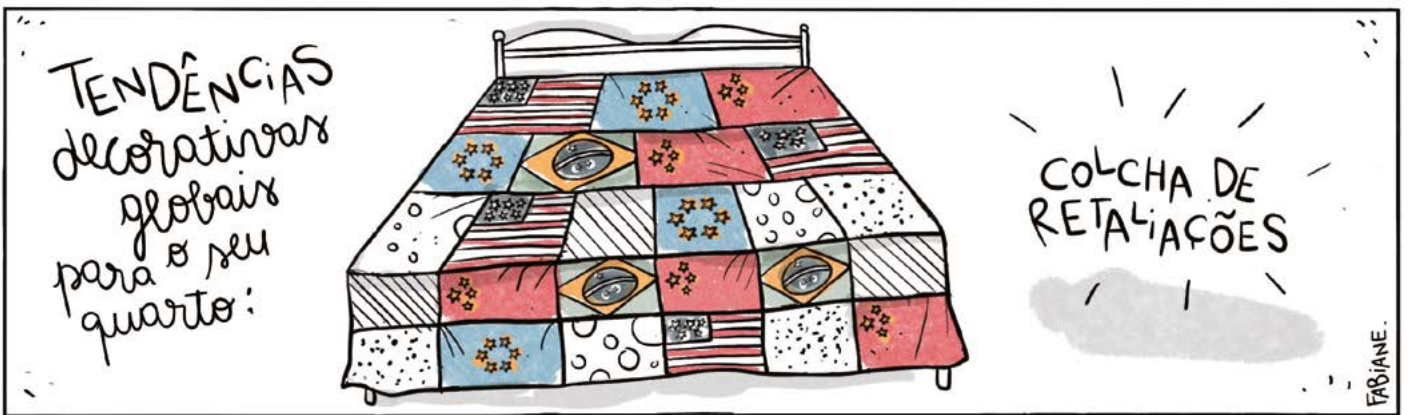




NESTE CORPO (gente reencarnada em bichos) Elias



Fabiane Langona



Lu Vieira



RANGO Edgar Vasques



# Fake news

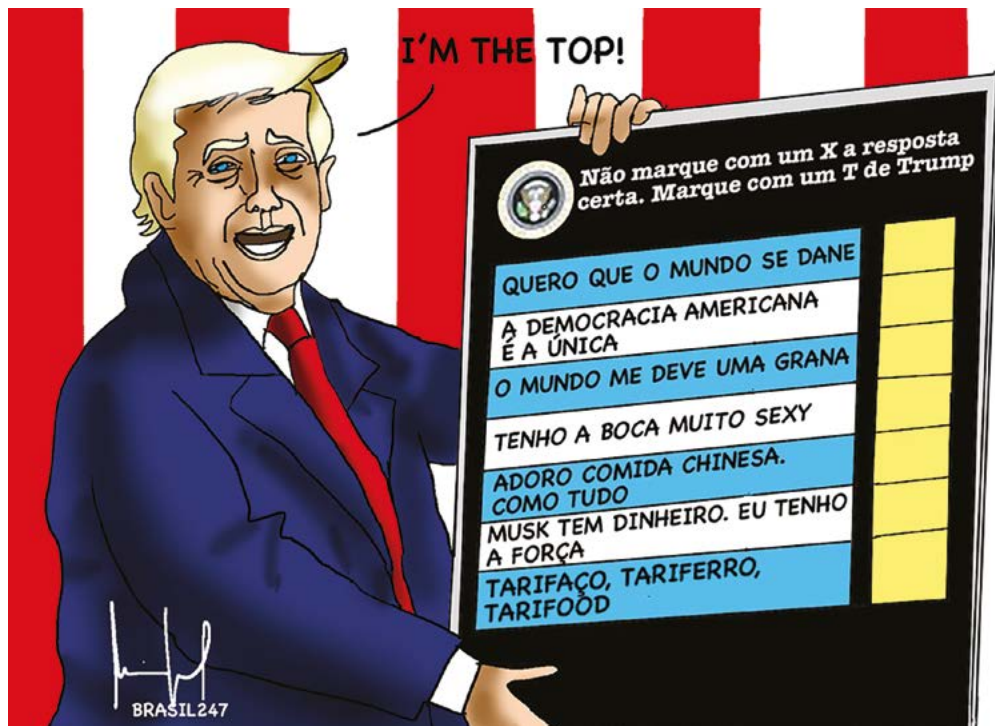
Eu implico com a expressão – se é falsa, não pode ser notícia. Mas, pelo jeito, ela veio pra ficar. É uma pena – a palavra mentira é mais curta e mais sonora.

Ninguém discute que mentiras existem desde muito antes da Bíblia e sempre foram armas em disputas pelo poder – por exemplo, um traço comum entre caçadores-coletores era pintar as tribos vizinhas como uma horda de monstros. Falo na Bíblia só pra estabelecer um ponto de referência. Me parece apropriado, já que milhões de pessoas acreditam em cada palavra dela mesmo sem ler, porque a fonte é a mais confiável, o Deus Único.

Nós temos o azar de viver numa época em que os meios de divulgação são mais favoráveis aos mentirosos e os mentirosos são centenas de milhões. Outro ponto cabeludo é que mentir é mais fácil e rápido que desmentir. É óbvio, não? Desmentir exige argumentos e dados, coisa que necessita de tempo e alguém interessado em ouvir e pensar. Mostrar que a realidade, na maioria das vezes, é puro feijão com arroz, nada colorida e escandalosa como a mentira pinta, é um chute no saco dos crentes de todo naipe.

A Bíblia, sabe-se, é uma colagem de adaptações de mitos egípcios, gregos e orientais. Quer com todas as letras? A palavra de Deus é plágio sobre plágio.

Mas vou me ater a uma mentirinha apenas, a matança dos inocentes. Ela é atribuída ao rei Herodes, um bom filho da puta que morreu quatro anos antes do nascimento de Cristo, caso o barbudo seja realmente uma figura histórica e a data do ani-



versário não seja mais um chute. Mas há outro probleminha: esse enredo foi requeitado de outro trecho da própria Bíblia. Está no Êxodos: o faraó Seti I, que reinou entre 1290 e 1279 a.C., na ânsia de eliminar Moisés, ordena a matança de meninos recém-nascidos. O mais engraçado e mais triste é ver gente, hoje ainda, fazendo contorcionismos pra manter a palavra do Senhor a salvo dos fatos.

A seguir, outras mentiras, sem ordem, começando por uma do tipo mais banal, a difamação de uma mulher: Lucrécia Bórgia não foi amante do pai e do irmão, César, nem envenenou marido nenhum. Isso tudo é fofoca de Giovanni Sforza, quando foi dispensado pelos Bórgia, e sob a acusação de impotência. Lucrécia foi, desde a puberdade, apenas vítima de uma família que fazia o diabo pelo poder, arrumando bandos de inimigos que agiam com a mesma ânsia e

canalhice. Era inteligente, poliglota e bonita. Administrou bem o ducado de Ferrara. Mas uma Lucrécia devassa e assassina dá melhores romances populares, peças, séries, pois não?

Rapidinho. Nero não botou fogo em Roma pra tocar lira, Maria Antonieta não mandou o povo comer brioche na falta de pão, a palavra saudade não é intraduzível e a Marta Rocha não perdeu a coroa de Miss Universo por ter uma pategada a mais de quadris. As caravanas pro velho oeste não ficavam em círculo pra se proteger dos indígenas – como as caravanas tinham vários quilômetros de comprimento, levariam horas e horas pra fazer isso. O mundo livre nunca foi livre – desde o primeiro dia esteve sob o tacão gringo. Os farrapos não eram democratas, o Tiradentes não era barbudo e os mares não são sete, mas 61.

Em tempo: a Terra, ao contrário do pampa, não é plana.

# QI 14, um marco do humor de resistência em plena ditadura

Em 1975 o Muro da Mauá ainda era uma novidade concreta, o Sport Club Internacional, enfiado de Gauchão, decidiu conquistar o seu primeiro título nacional e o prefeito ainda era “eleito pelos milicos” que estavam no poder. Foi neste pre-sépio à brasileira que nasceu o livro **QI 14**, uma publicação da **Editora Garatuja**, que firmou sua posição como forma de resistência contra a ditadura do governo do general Geisel.

O país vivia a segunda metade dos anos 1970. A **Garatuja** era um pequena e valente editora, publicava ensaios, romances, poesia e teatro e marcou época em Porto Alegre. Um dos seus primeiros lançamentos foi **QI 14**, cuja tiragem saiu quentinha em 21 outubro de 1975, às vésperas da Feira do Livro de Porto Alegre.

E fez sucesso no evento. A prova disso foi que a primeira tiragem, de 3.000 exemplares esgotou logo. Foi preciso uma segunda tiragem, de 5.000 exemplares, ainda durante a Feira. A novíssima editora **Garatuja**, com este volume, lançava o **Guaiepeca, QI 14** era o primeiro volume. O selo foi uma arte de Edgar Vasques.

Havia a ditadura, a censura e a violência política; naquele mês de outubro, em São Paulo, o jornalista Wladimir Herzog era assassinado no DOI-CODI. Mesmo assim, havia respostas na ponta da pena ou nos dedos que redigiam contra tudo isso.

Eles eram quatorze craques de texto e traço, alguns já com alguma experiência, outros no-

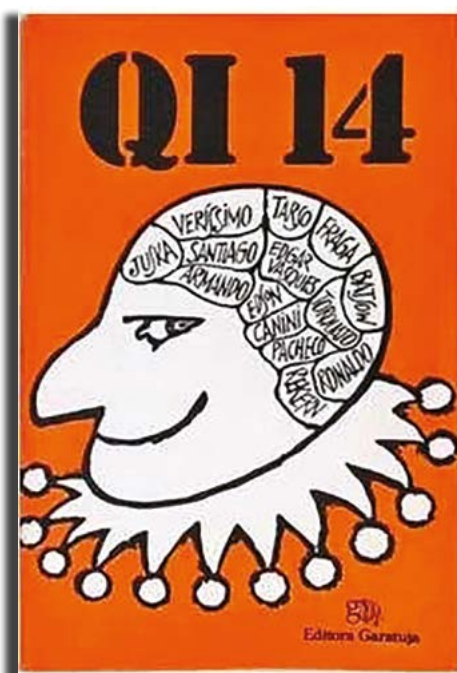
vatos, todos dizendo ao que vieram. Está lá, no Manifesto que abria a edição: “Considerando que dos 14 humoristas nesta coleção uma minoria ganhava dinheiro (ou coisa parecida) com o humor, e o resto só consegue ser publicado de favor, e que o surgimento nos últimos anos de tantos e tão bons valores no humor gaúcho ainda não foi acompanhado por uma correspondente ampliação do mercado para o seu trabalho, que está pegando mal, e pagando pior ainda, resolvemos que na partilha de lucros desta edição só os profissionais ganharão, que é para os outros não ficarem mal acostumados”.

Os quatorze escalados; Armando Coelho Borges, Batsow, Canini, Edgar Vasques, Edson, Fraga, Jusca, Luis Fernando Verissimo, Pacheco, Rekern, Ronaldo, Santiago, Tarso, Torquato Ssó. Conforme o material de divulgação da Garatuja,

“autores que fazem questão de ser levados a sério, afinal, rir é uma das poucas coisas que se pode fazer com a boca”, certamente uma alusão ao ambiente dos anos de chumbo que o Brasil atravessava.

Alguns que faziam parte daquele escrete já partiram, outros, ainda bem, continuam entre nós e são reconhecidos pelo seu trabalho em nível planetário (a Terra redonda), a exemplo de Edgar Vasques, Santiago e Luis Fernando Verissimo. E mesmo alguns que já nos deixaram continuam sendo reconhecidos pelo seu talento, casos de Renato Canini, Ronaldo Westermann, Pacheco e Armando Coelho Borges.

Algumas charges, textos ou cartuns envelheceram, algo de misoginia e preconceito, talvez pelo tempo obscuro em que se sobrevivia por aqui. Em compensação, muita coisa está atualíssima. O Brasil é que se recicla muito devagar, agora, a misoginia, o preconceito, passados meio século, foram abraçados pelo bolsonarismo.



**QI 14**

- Editora Garatuja,  
 Porto Alegre,  
 1975, 175  
 páginas.

Uma vacina pra estupidez seria inútil. Os mais necessitados dela se recusariam a tomar sua dose anual. (Ernani Ssó)

**O capo pede anistia antecipada, um dos filhos foge, sem razão, para ser chapeiro nos EUA e o caçula chora aos prantos em público. A máfia já foi mais digna. (Schröder)**

A imaginação humana é infinita; o bom senso, nem tanto. (Carlos Castelo)

Borges, na resenha do livro de Hudson: “Melhorando uma frase que James Boswell divulgou, Hudson conta que muitas vezes na vida tentou estudar a metafísica, mas sempre foi interrompido pela felicidade. A frase (uma das mais bonitas do mundo) é típica do homem e do livro. Apesar do brusco sangue derramado e das separações, ‘The purple land’ é dos poucos livros felizes que os séculos nos depararam. (Outro, também americano, também de sabor quase paradisíaco, é o ‘Huckleberry Finn’ de Mark Twain.) (Ernani Ssó)

**Pelo que se vê nas Eliminatórias, o Brasil se prepara intensamente para um fiasco na Copa. (Celso Vicenzi)**

O Centrão, como a piscada de olho do aumentativo indica, não é um grande moderado. Mas o apelido ajuda a distrair os trouxas e ajuda o incansável trabalho da imprensa na defesa de interesses escabrosos. Um nome mais apropriado seria Parasitão. Ou você acha que parasitas têm ideologia? (Ernani Ssó)



**A máfia, na Sicília, lucra com a mudança climática, ativando incêndios florestais pra ganhar territórios e faturar com prestação de serviços. Até os editoriais da Folha e do Estadão vão dizer que isso é criminoso. Mas qual a diferença de método com mineradoras, petrolíferas, bancos, grandes fazendeiros, fabricantes de armas e de venenos? O capitalismo é isso aí, baby. Até o apocalipse é uma oportunidade de negócios, você pode vender sem remorsos o último caixão pro único parente do penúltimo defunto. O fato de não ter onde gastar a grana é um detalhe menor – o que importa é a satisfação do poder. (Ernani Ssó)**

Se a IA fizer tudo por nós, a única função do homem vai ser dar bom dia para robô? (Carlos Castelo)

**Seleção brasileira de futebol vai exigir faixas de segurança em campo, pra não ser atropelada pelos adversários. (Celso Vicenzi)**

UOL: “Padre Marcelo Rossi faz alerta e mostra antes e depois de depressão”. Sinal dos tempos. Antes só se mostrava antes e depois da conversão – e a conversão era garantia de felicidade eterna. (Ernani Ssó)

**Na gourmetização, o chef é estrela e o prato é figurante. (Carlos Castelo)**

**Triste fim de Policarpo Quaresma, perto do futuro de Jair, é um conto infantil da Ruth Rocha. (Carlos Castelo)**

Caso Sílvio Almeida. Depois da investigação da PF, o Me Too Brasil corre o risco de se chamar Até Tu. (Ernani Ssó)

Se a vida é um jogo, tem muita gente na marca do pênalti. (Celso Vicenzi)

**Eu tinha uma lembrança muito agradável de “Por um destino insólito”, da Lina Wertmüller, visto nos anos 70. Daí resolvi assistir de novo. Não aguentei quinze minutos. Esses dias me encorajei e assisti a “Amor e anarquia” até o fim, apesar de o defeito ser o mesmo: uma tagarelice incontrolável. Bom, a virtude também era a mesma: Giancarlo Giannini. (Ernani Ssó)**

Democracia no Brasil virou calibre, e debate, estampido. (Carlos Castelo)

Brasil continua cavando uma vaga à Copa. E já está quase no fundo do poço... (Celso Vicenzi)

Dias desses me deu uma coisa e minha mulher precisou chamar um exorcista. Sabe, eu tinha largado o telefone pra ler livros. Comecei com “Tierra purpurea”, do Willian Henry Hudson, um calhamaço de 650 páginas considerado o melhor romance gaúcho por gente como Jorge Luis Borges e Paulo Hecker Filho. No mesmo embalo, comecei também “A flecha e o alvo – A intentona de 1935”, do Ivan Pedro Martins, outro calhamaço. Ainda insatisfeito, comecei a reler “Apontamentos de história sobrenatural”, do Quintana, entre um capítulo e outro do Hudson e do Martins. O exorcista arregalou os olhos e caiu no chão, estrebuchando. Quase tive de fazer respiração boca a boca no bruto. (Ernani Ssó)

### **Cada vez que viaja a Seleção brasileira paga por sobrepeso: é muito jogador-mala! (Celso Vicenzi)**

Um pequeno grande sinal da desinformação dos gringos: depois que Trump falou em taxar produtos de vários países, a palavra tarifa subiu 2.400% nas buscas no Google numa semana. Melhor que isso só os 27% que acreditam que o leite achocolatado vem de vacas marrons, segundo uma pesquisa de anos atrás. (Ernani Ssó)

Brasileiro. Aquele que vive de luz, fé e boletos atrasados. (Carlos Castelo)

Padre Marcelo Rossi alerta: “Depressão não é frescura, mas tem cura”. Nos primórdios do catolicismo, depressão era curada com água-benta e os religiosos tinham uma linguagem mais seleta. (Ernani Ssó)



Dos oito réus iniciais, seis são ex-militares e dois policiais federais. Minha mãe sempre alertou que “mente vazia, oficina do diabo”. (Schröder)

O papel da imprensa no caso Sílvio Almeida foi o show do linchamento de sempre. Mas, cá pra nós, a revista “piauí” não foi apenas racista, foi daquele racismo que se defende dizendo ter muitos amigos negros. Merece o nome no diminutivo mesmo. (Ernani Ssó)

O Brasil é o país do futuro, o problema é que o futuro sempre cai em um feriado. (Carlos Castelo)

O ator Wallace Shawn: “Israel está cometendo um mal tão grande quanto o dos nazistas. De certa forma, é pior, porque eles meio que se gabam disso. Hitler teve a ‘decência’ de tentar manter em segredo. Por algum motivo, Hitler não queria que as pessoas soubessem que ele estava fazendo essas coisas com os judeus. Os israelenses quase se orgulham disso, e é demoniacamente maligno”. Shawn é judeu. (Ernani Ssó)

Digam o que quiserem dessa seleção argentina, mas é educada. Levou o Brasil a passear em campo. (Celso Vicenzi)

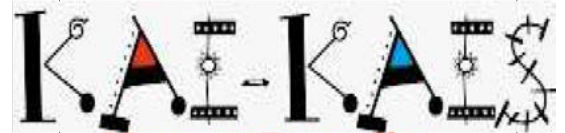
UOL: “Paula Fernandes posa de biquíni e interage com saguis em Alagoas”; “Gordão XJ perde 73 kg e mostra sua nova mansão, avaliada em R\$ 1 milhão”; “Repórter se assusta com ‘pum’ de preso durante reportagem”. Bem feito pra mim, que fugi no quarto semestre do mundo tantalizante do jornalismo. (Ernani Ssó)

Deus, pátria, família e fake news no grupo de zap. (Carlos Castelo)

Não está morto quem peleia? Diga isso a El Cid. (Ernani Ssó)

Partida, contenda, refrega, peleja, pugna, encontro, prélio, confronto, cotejo, embate, jornada, combate, meeting, competição, espetáculo, pega, match, porfia. Mas a maioria dá para resumir assim: pelada! (Celso Vicenzi)

Num parque de diversões, na China, pintaram burros de branco com listras pretas, mas simetricamente, como zebras de cartum. Na entrada, um cartaz: “Eu sou uma zebra, enganando você e te fazendo pensar que sou um burro”. O mercado editorial brasileiro, mancomunado com resenhistas preguiçosos, ou cabeças ocas, ou sabujos, gastam estoques inteiros de adjetivos com listras até de tatu posando de zebra. No meio político, melhor nem falar. (Ernani Ssó)



**Mouzar Benedito**

Se sucesso for construir foguetes que dão marcha a ré, Musk já pode pedir música no Fantástico. (Carlos Castelo)

DCM: “Mulher escravizada por casal durante 30 anos receberá R\$ 7 mil de indenização”. Se minha calculadora não falha, isso dá R\$ 233,33 por ano. A Justiça do Bananão avisa: a escravidão continua um bom negócio. (Ernani Ssó)

**Hoje em dia, na era da internet, é inadmissível ver um jogador telegrafando o passe. (Celso Vicenzi)**

Depois de 40 ou 50 anos, fiz nova tentativa de assistir ao Oscar. Entreguei os pontos antes de meia hora, diante de tanta cafonice, piadas sem graça e autocomplacência. Nem falo nos erros grotescos de avaliação, porque esses acontecem em toda parte. (Ernani Ssó)

Vai, Eduardo! Ser extrême droit na vida. (Carlos Castelo)

Paulo Hecker filho: “O socialismo veio para se opor à injustiça, já que nunca nessa terra se conseguiu importar o céu”. (Ernani Ssó)

Os ataques de bolsonaristas a jornalistas da Folha, Globo e até Estadão fazem parte da tática de emparedar a sociedade brasileira na direita. É a falsa polarização entre direita e direita. (Schröder)

**Na pandemia, riu; no STF, réu. (Carlos Castelo)**

Mario Quintana: “Eu estou gravando este lento poema nas paredes de uma cela”. Topei com este verso como quem topa com o dedão numa pedra, no caminho que percorre há sessenta anos. Como nunca vi a desgraçada? (Ernani Ssó)

**De tanto ver triunfar as nulidades, começo a achar que o problema sou eu. (Carlos Castelo)**

DCM: “Estudo mostra que políticos de extrema direita são os maiores disseminadores de fake news nas redes”. Puxa, descobriram a América! (Ernani Ssó)

Mesmo quando não bebem, alguns treinadores são um porre. (Celso Vicenzi)

Caso Sílvio Almeida. Os negros envolvidos se deram mal, os brancos se deram bem. Quantas vezes vi esse filme? (Ernani Ssó)

**O conceito de paz israelense é único: menos vizinhos, mais harmonia. (Carlos Castelo)**

Japonês poeta faz haicais  
Eu, brasileiro e apoético,  
Brinco fazendo kaikais.  
\*\*\*

O taciturno guarda-noturno  
Olha pro céu e pergunta:  
Cadê os anéis de Saturno?  
\*\*\*

Bananas pra toda Europa!  
Pros gringos, nadinha!  
Só mandamos o bananinha.  
\*\*\*

Punir quem faz maldade  
Não pode! É imoralidade!  
Crime contra a liberdade!  
\*\*\*

Anônimo mercado  
Esconderijo seguro  
De capitalista safado  
\*\*\*

Abre as asas, liberdade!  
Mas as mentes subalternas  
Querem que abra as pernas!  
\*\*\*

Tratante e arrogante...  
Delirante tentou levante  
Agora está lacrimante  
\*\*\*

Elogia ditadura e tortura,  
Aí vem a rebordosa,  
E lá se vai sua bravura!  
\*\*\*

Gente do contra faz assim:  
Em Gomorra... sodomia,  
Em Sodoma... gomorra!  
\*\*\*

Corruptos no Congresso...  
Ora, nem tente impedir,  
Ou Impeachment há de vir.  
\*\*\*

Gringos, governo bacana!  
Agora é república bananeira  
Sem nem produzir banana!





**O pobre de direita vive no exílio, porque sua pátria é a propriedade privada dos ricos. (Ernani Ssó)**

**Quando um treinador cai é porque houve um levante da torcida. (Celso Vicenzi)**

Clarice Lispector: “Que fazer, se sinto totalmente o que as outras pessoas são e sentem?” Esta devia ser a sina de todo escritor, mas qualquer prateleira, em qualquer livraria, está aí pra nos mandar catar coquinhos na ladeira. (Ernani Ssó)

**Menino Ney vai se aposentar com mais tatuagens que títulos. (Carlos Castelo)**

Pascal: “Os seres humanos nunca praticam o mal de maneira tão completa e feliz como quando o fazem por convicção religiosa”. Mas como, seu Pascal, separar convicção religiosa da ganância e da ânsia de poder? Basta olhar a história da Inquisição ou figuras mais cotidianas como Edir Macedo, Damares Alves, Malafaia. Não esquecer do Eduardo Cunha, que tem ou tinha uma empresa chamada Jesus.com. (Ernani Ssó)

Como se explica a doutrina do destino manifesto se não for produto de quarenta dias no deserto, com uma dieta de gafanhotos e tentações à la carte de todo tipo de demônios? Achar que se pertence ao povo eleito por Deus pra civilizar o Novo Mundo devia ser sintoma suficiente pros gringos darem entrada no manicômio. Se não, sinta a lógica: os gringos são especiais porque são brancos e porque suas instituições foram criadas por eles, de modo que têm a bênção de Deus até pra decidir quem entra no céu. Quando a dobradinha estupidez e arrogância se alia à dobradinha canalhice e ganância, pode-se esperar qualquer escrotidão, e a primeira é a democracia vendida com os mesmos macetes com que se vendiam cigarros, mas aí já estamos nas mãos dos espertalhões. (Ernani Ssó)

**A única coisa mais rápida que a bala da polícia paulista é a desculpa do governador. (Carlos Castelo)**

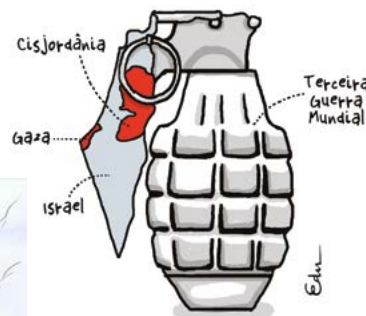
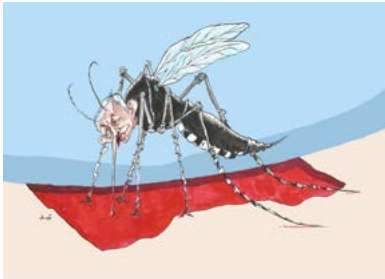
SCHROEDER



# Minha Gaza, minha vida

A multidão que visitou a exposição **Minha Gaza, minha vida**, entre 25 de março e 19 de abril, no Clube de Cultura (rua Ramiro Barcelos, 1853- Porto Alegre) não foi medida oficialmente (a gente achou desnecessário chamar a polícia carioca para calcular), mas saiu de lá elogiando. José Nunes, presidente da ARI, por exemplo: “Não são charges, é a realidade que a gente está vivendo. Infelizmente está acontecendo um genocídio e o mundo não pode se calar para isso”, disse num depoimento gravado pelo chargista Dênis Pimenta. “Realmente, impactante”, completou. Além de elogiar, os visitantes compraram cópias do material exposto. Nenhum deles vai fazer turismo para assistir ao massacre de binóculos.

A exposição organizada pelo GRIFO teve apoio de: Grafar, CUT/RS, Clube de Cultura, Associação José Marti/RS, Fepal, SindJoRS e Fenaj.



TU TE INSCREVEU NO MINHA GAZA MINHA VIDA?





O levantamento que o jornal O Globo fez sobre os participantes nos atos golpistas de 8 de janeiro revelam coisas interessantes. A maioria foi de homens abaixo dos 60 anos e de classe média considerada autônoma. Mulheres foram minoria e idosos também. Além de derrubar a tese desesperada de que erram velhinhas segurando a Bíblia, também demonstra que esses movimentos priorizam posições masculinas.

Os homens nesses últimos anos de Brasil foram relevados à última instância. São massa de manobra, sem instrução, sem conhecimento e sem reflexão. Querem soluções para os problemas que existem de modo quase mágico, sem abstração sem comprometimento com o trabalho coletivo. Pois é, são individualistas e meritocratas sem ter o mérito que tanto valorizam. Mas como o mérito vira uma coisa meio espiritual pode ser que um dia sejam agraciados. Melhor do que lutar pelo bem de todos.

Esse pessoal todo estimulado

por um discurso fácil que vai no coração dessas questões, e por uma graninha extra que veio do agro e dos financiadores, formou a massa de manobras necessária. O ódio, que é também um sentimento estimulado, se juntou a essas questões e os golpistas viraram um exército perfeito para criar as condições para uma intervenção militar e policial e restabelecer a “ordem” quebrada. Esquema fácil, equação quase banal que por sorte o governo eleito não caiu.

Lula, influenciado por Janja, uma mulher, não aceitou e o Brasil, a duras penas, adotou o caminho do retorno à democracia. Pagamos um preço alto e continuamos pagando. A quadrilha golpista continua sobretudo no congresso onde formam um apoio forte ao projeto de anistia e majoritariamente composto por homens. Isso tudo porque, depois de 64, no fajuto projeto de Anistia Ampla Geral e Irrestrita os militares criminosos entraram na onda. Foram anistiados junto a quem lutou para fazer o Brasil

voltar à democracia. Aí, institucionalizou-se a péssima ideia da anistia. O Brasil virou a terra das tentativas mal sucedidas que depois são perdoadas.

Assim vamos indo nesta onda de incertezas e instituições frágeis. Queremos uma democracia forte e institucional que recorra à justiça só quando se vê ameaçada. Chega de pressões fajutas por uma anistia que virou fruta na hora da xepa. Todos pedem e todos querem. Basta. Não somos uma democracia que serve só para criar uma imagem internacional para governos dúbios de direita. Queremos ser reconhecidos por nosso papel preponderante no Sul Global, pela nossa importância como país sólido que participa dos processos mundiais e não instrumento de autoritarismo e aventuras nazifascistas que um certo senhor das armas e do norte quer impor ao mundo. Ainda bem que o planeta é imenso e tem espaço para quem discorda democraticamente, homens e principalmente mulheres.

A História do Brasil  
Alisson Affonso

